

A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A educação enquanto fenômeno social: política, economia, ciência e cultura

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: política, economia, ciência e cultura / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-531-0

DOI 10.22533/at.ed.310200911

1. Educação. 2. Política. 3. Economia. 4. Ciência e Cultura. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficiente medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste livro.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, os diminutos recursos destinados, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades.

Nesse ínterim, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, sobretudo aquelas que inter cruzam e implicam ao contexto educacional. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros, como os compõe essa obra.

O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para uma necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade, de uma forma geral, das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade.

Portanto, as discussões empreendidas neste volume 01 de “***A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam.

Este livro reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, ciências

e tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, política, economia, entre outros.

Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA ATUALIDADE E EDUCAÇÃO POLÍTICA: IMPLICAÇÕES E PERSPECTIVAS CRÍTICAS	
Clésio Aderno da Silva	
Graciela Targino	
Keyla Andrea Santiago Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3102009111	
CAPÍTULO 2	10
UM PROJETO PARA A PROMOÇÃO DA LITERATURA E DOS DIREITOS HUMANOS	
Regina Coeli da Silveira e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3102009112	
CAPÍTULO 3	21
O CURRÍCULO E A ESCOLA PÚBLICA: REFLEXÕES SOBRE A DIMENSÃO DA POBREZA	
Eliana Cordeiro Curvelo	
Sebastião de Souza Lemes	
DOI 10.22533/at.ed.3102009113	
CAPÍTULO 4	32
INTRODUÇÃO AO MULTICULTURALISMO EM EDUCAÇÃO	
Adelcio Machado dos Santos	
Manoel Leandro Fávero	
Audete Alves dos Santos Caetano	
Suzana Alves de Moraes Franco	
DOI 10.22533/at.ed.3102009114	
CAPÍTULO 5	39
A FORMAÇÃO HUMANÍSTICA DO PROFESSOR NOS ASPECTOS QUE TANGEM A INCLUSÃO SOCIAL	
Marlene Ribeiro Martins	
Bruna Fernanda Ananias Souza	
Patrícia Mata Sousa	
Tatiane Cristina Ramos Moscatelli	
DOI 10.22533/at.ed.3102009115	
CAPÍTULO 6	53
FORMAÇÃO MORAL NO CONTEXTO ESCOLAR NA CONTEMPORANEIDADE: DIVERSIDADE CULTURAL, INTERFACES E APROXIMAÇÕES COM OS CONCEITOS DE CAMPO E HABITUS DE PIERRE BOURDIEU	
Sara Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.3102009116	

CAPÍTULO 7.....	66
GESTÃO DEMOCRÁTICA NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LARANJAL PAULISTA - SP	
Izalto Junior Conceição Matos Kátia Regina Zanardo	
DOI 10.22533/at.ed.3102009117	
CAPÍTULO 8.....	78
EVASÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: O QUE PENSAM OS ALUNOS DE UMA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL	
Marcos Roberto Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.3102009118	
CAPÍTULO 9.....	88
DESEMPENHO DAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE ESPERA FELIZ/MG EM AVALIAÇÃO DE LARGA ESCALA E PERCEPÇÃO DOCENTE: ANÁLISE BASEADA NO PROEB/SIMAVE DE 2011 A 2017	
Larissa Mendes Mateus Luciane da Silva Oliveira Marcos Vinicio Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.3102009119	
CAPÍTULO 10.....	102
O PROJETO RECEPÇÃO CIDADÃ: ACOLHIDA DE ESTUDANTES INGRESSANTES DO IFTM – CAMPUS UBERLÂNDIA	
Gabriel Ferreira Barcelos Anna Clara Pereira Machado Nísia Maria Teresa Salles Márcia Lopes Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.31020091110	
CAPÍTULO 11.....	107
RELAÇÕES VERDES: DA PRÁTICA À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL	
Ana Paula Gorski Cesar Beatriz Lorenzi Wisbeck	
DOI 10.22533/at.ed.31020091111	
CAPÍTULO 12.....	120
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL X FORMAÇÃO HUMANA: PROCESSO DE DISPUTA OU COMPLEMENTAÇÃO DE SABERES?	
Elza Magela Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.31020091112	
CAPÍTULO 13.....	134
O RECURSO LINGÜÍSTICO DAS GÍRIAS UTILIZADO PELOS ADOLESCENTES E/OU JOVENS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO	
Fernando Miranda Arraz	

CAPÍTULO 14..... 149

A AGROECOLOGIA COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO À AGRICULTURA CONVENCIONAL NO ASSENTAMENTO TERRA À VISTA, SUL DO ESTADO DA BAHIA

Adenilson Alves Cruz

Rosana Mara Chaves Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.31020091114

CAPÍTULO 15..... 157

PISO SALARIAL DOCENTE NO ESTADO DE MATO GROSSO SUL: APROXIMAÇÕES E PERSPECTIVAS

Maria do Socorro Sales Felipe Bezerra

Danielli Araujo Jarcem

DOI 10.22533/at.ed.31020091115

CAPÍTULO 16..... 170

EDUCAR PARA O CUIDADO DE SI E PARA VIVER A *PARRHESÍA*

Wagner Gomes Sebastião

Carlos Roberto da Silveira

DOI 10.22533/at.ed.31020091116

CAPÍTULO 17..... 179

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO COMBATE À DENGUE, ZIKA E CHIKUNGUNYA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Emilly Alencar Pereira

Elenir da Silva Marques

Joelma Gomes Pereira

Mariane da Silva Costa

Richard Sebastião Silva das Neves

Flaviany Aparecida Piccoli Fontoura

Claudia Janayna Carollo

DOI 10.22533/at.ed.31020091117

CAPÍTULO 18..... 183

EVASÃO ESCOLAR E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Shana Krindges

Elisete Gomes Natário

DOI 10.22533/at.ed.31020091118

CAPÍTULO 19..... 195

A CRIANÇA E O NOVO CAMPO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Gisele Brandelero Camargo

Ana Luiza Santos

Ana Marcela Taques Glonek

Joseane Schoab Giebeluka

DOI 10.22533/at.ed.31020091119

CAPÍTULO 20.....211

POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E DISCURSO: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE QUALIFICAÇÃO DOCENTE NA CIDADE DE RIO BRANCO – ACRE

José Eliziário de Moura
Erlande D'Ávila do Nascimento
Paulo Eduardo Ferlini Teixeira
Uthant Benicio de Paiva

DOI 10.22533/at.ed.31020091120

CAPÍTULO 21..... 226

PROJETO MALALA: UMA VOZ PELA EDUCAÇÃO

Patricia Batista Schunk
Sueli Marques de Souza Velloso

DOI 10.22533/at.ed.31020091121

CAPÍTULO 22..... 238

HORTA ORGÂNICA EM ESCOLA MUNICIPAL COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

José Carlos Pina
Luiz Antonio Higino da Silva
Ademir Kleber Morbeck de Oliveira
Rosemay Matias
Giselle Marques de Araújo
João Paulo Abdo
Talita Cuenca Pina Moreira Ramos

DOI 10.22533/at.ed.31020091122

CAPÍTULO 23..... 251

FATORES DE DESISTÊNCIA NA ESCOLA: ALUNOS DE UM CURSO TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO

Hélio Fritz Kiessling
Júlio Gomes de Almeida
Maria do Carmo Meirelles Toledo Cruz

DOI 10.22533/at.ed.31020091123

CAPÍTULO 24..... 259

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A SUA CONTRIBUIÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E PROFISSIONAL

Karina Franco
Claudia Almeida Scariot
Géssica Fiabane
Priscilla Christina Franco

DOI 10.22533/at.ed.31020091124

CAPÍTULO 25..... 268

JUVENTUDE, CULTURA E IDENTIDADE: APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DE

CAPITAL CULTURAL

José Franco de Azevedo

Sônia Pinto de Albuquerque Melo

DOI 10.22533/at.ed.31020091125

CAPÍTULO 26..... 284

UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO ESCOLAR E A HISTÓRIA DE VIDA DE JOVENS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Rafaela Furtado Queiroz

Maria de Jesus Campos de Souza Belém

DOI 10.22533/at.ed.31020091126

SOBRE O ORGANIZADOR..... 298

ÍNDICE REMISSIVO..... 299

RELAÇÕES VERDES: DA PRÁTICA À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

Data de aceite: 03/11/2020

Ana Paula Gorski Cesar

Faculdade Guilherme Guimbala (FGG)
Joinville (SC)
<http://lattes.cnpq.br/8115321650138408>

Beatriz Lorenzi Wisbeck

Faculdade Guilherme Guimbala (FGG)
Joinville (SC)
<http://lattes.cnpq.br/9490027243088093>

RESUMO: Na atual configuração social e econômica, a Natureza ainda é vista como algo infinito a ser dominado. Apesar do desenvolvimento dos movimentos ambientalistas, do crescimento das discussões brasileiras sobre as consequências de ações poluentes e da Constituição Verde de 1988, os recursos naturais ainda são vistos como meros produtos do mercado, uma vez que a condição de dependência que o ser humano possui com o meio ambiente é esquecida. Após inúmeras conferências mundiais debatendo a problemática ambiental e suas diversas preocupações, as fontes de danos do planeta continuam existindo porque continua a se manter relações de poder com os recursos naturais. Assim, diante da necessidade de construir com a população um modo de vida ecológico, pesquisou-se a perspectiva dos educadores sobre a importância de abordar as questões ambientais no ensino fundamental I, porque é na infância que as crianças estão assimilando regras e sendo inseridas no contexto social, além

de estarem aprendendo mais rápido, então é o melhor momento para ensinar modos de vida mais sustentáveis. Utilizou-se como conceitos principais a Psicologia Ambiental, a Educação Ambiental e o Movimento Ambientalista. Foram visitadas duas escolas, uma do âmbito privado que se localiza no centro, e outra pública estabelecida na área rural da cidade. Foram entrevistados dois educadores de cada instituição, utilizando o método de entrevistas semi-estruturadas e um diário de campo. As informações adquiridas foram divididas em três categorias: o campo, formas de trabalho e interesse das crianças (a partir da perspectiva dos educadores).

PALAVRAS-CHAVE: Natureza. Escola. Infância.

ECO-FRIENDLY RELATIONS: FROM PRACTICE TO AWARENESS

ABSTRACT: In the current social and economic configuration, Nature is still seen as something infinite to be conquered. Despite the development of environmental movements, the growth of the debate in Brazil about the consequences of polluting actions - and the Green Brazilian Federal Constitution of 1988 -, natural resources are still seen as mere products of the market, as the condition of dependence that human beings have with the environment is forgotten. After countless international conferences debating the environmental issue and its various concerns, the sources of damage on the planet continue to exist because power relations with natural resources continue to be maintained. Thus, given the need to build an eco-friendly way of life with the population, the educators' perspective on the importance of addressing environmental issues

in elementary school was researched, because it is during childhood that children are assimilating rules and being inserted in the social context, in addition to learning faster, then it is the best time to teach more sustainable habits. Environmental Psychology, Environmental Education and the Environmental Movement were used as main concepts. Two schools were visited, one from the private sector, located in the downtown area, and the other from the public sector, in the rural area of the city. Two educators from each institution were interviewed, using the semi-structured interview method and a field journal. The information acquired was organized into three categories: the field, methods of work and the children's interest (from the perspective of educators).

KEYWORDS: Nature. School. Childhood.

1 | INTRODUÇÃO

Em um resgate histórico do Movimento Ambientalista, Costa (2017) traz que na década de 60 cresce em grande escala as discussões acerca da chamada “crise ambiental”, como resultado de décadas de modificações da natureza feitas por obras humanas: indústrias, bombas, guerras e entre outras formas de usar a natureza como veículo de lucro. Foi um enorme movimento que ganhou espaço mundial devido à preocupação por temas como crescimento demasiado da população, depleção da base de recursos naturais, tecnologias poluentes, o consumo ilimitado e diversas outras mudanças percebidas nos ecossistemas. Diante da grave situação em que nos encontrávamos, foram feitas várias conferências a nível mundial e tantas outras formas de trabalhar a importância de nos preocuparmos com a conservação da natureza.

No Brasil a problemática ambiental intensifica-se pelo índice de desigualdade social e grande parte da população vivendo em áreas de risco, como apontado por Brügger (1999). Mas entre os anos sessenta e setenta, com a criação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), passa-se a discutir o tema. O país participou, ao lado do Chile, da Conferência de Estocolmo de 1972 - que foi a mais importante das conferências, dando início à inclusão de conceitos como a Educação Ambiental e abertura para as conferências mundiais seguintes - onde os grupos entraram em contato com pensamentos de vários outros que estavam em defesa da preservação da natureza e da humanidade, dentre eles haviam grupos marxistas e também fundamentalistas.

Nos anos setenta o Brasil estava em fase de grande desenvolvimento industrial, então mesmo participando da Conferência houve abertura de vários centros químicos e petroquímicos, pois o objetivo era desenvolver a tecnologia a qualquer custo. Foi assim que surgiu divergência entre os ambientalistas e os desenvolvimentistas: os primeiros contra a criação de hidrelétricas e programas nucleares, enquanto os segundos a favor da ascensão das tecnologias brasileiras.

Ao redor do mundo, principalmente na Inglaterra, cresciam cada vez mais as organizações, partidos políticos e políticas propriamente ditas envolvidos com a causa, enquanto a América Latina vivenciava um período de ditadura e crise em diversos países. Mas a partir da Constituição brasileira de 1988, as perspectivas são modificadas e é aberto espaço para as pautas ambientais e suas possibilidades de transformação da realidade do povo brasileiro, e foram construídas medidas ambientais em várias áreas do conhecimento, dentre elas a Educação Ambiental.

Começa-se a pensar um Programa Nacional de Educação Ambiental (proNEA) (2005), no qual “entende-se que são necessárias mudanças nos desejos e formas de olhar a realidade, nas utopias e nas necessidades materiais e simbólicas, nos padrões de produção e consumo, lazer e religiosidade”. Nas diretrizes do MEC (2005) tem-se uma clara preocupação em buscar a participação social na melhoria das condições ambientais e transformação de modos de vida. Se faz clara a percepção das intenções em mudar não apenas hábitos não ecológicos, mas agir diretamente nas vivências da sociedade e na forma de encarar a existência humana dentro de uma biodiversidade, tão rica no Brasil. Tratava-se, e ainda o faz, de tentativas de mudanças que abarcam toda a questão histórica, social e principalmente políticas públicas. Era necessário lutar contra a ideologia de “desenvolvimento a qualquer custo” que estava posta havia tantos anos, sobrepor a importância do cuidado com a natureza ao consumismo desenfreado que estava instalado quase que no mundo inteiro, considerando ainda as desigualdes sociais. Por isso, o conceito de Educação Ambiental (EA), que é uma das bases da presente pesquisa, torna-se tão importante nesta caminhada rumo a uma sociedade eco conscientizada.

Esta área do ensino vem para ser trabalhada de forma trans e interdisciplinar, descentralizada e democrática. Conforme o proNEA (2005), não se trata apenas de conscientizar os sujeitos que tenham contato com a Educação Ambiental mas de transformar à nível de ideologia a relação com a natureza. Segundo Medeiros et al (2011), esta é uma área que visa implementar métodos ecológicos logo nas séries iniciais e construir a consciência ecológica das crianças, para que elas saibam as pequenas coisas que podem ser feitas pelo cuidado com o meio ambiente, assim elas podem corrigir outras pessoas em diferentes espaços. Por essa razão foi escolhido como foco da pesquisa o Ensino Fundamental I que vai dos seis aos dez anos, pois sabe-se que esta é a fase da infância em que a criança está entrando em contato com sociedade e, segundo Vygotsky (1991) é através do contato com a sociedade e tudo que ela oferece que serão construídas as funções psíquicas superiores da criança, e ela internaliza os modos de vida de determinada sociedade em que ela está inserida.

Entretanto, surge um novo problema que seria a existência de leis excepcionalmente bem construídas, mas falta de prática. Na pesquisa de Brügger

(1999), a autora mostra que o que ocorreu na realidade foi uma apropriação capitalista do movimento ambiental que crescia no país. As indústrias começaram a se dizer donas de práticas verdes, quando na realidade não eram, e passaram a lucrar com isso, mesmo mantendo hábitos indevidos. Na educação não foi de outra forma, pois ao invés de estar ocorrendo transformação nas formas de enxergar o meio ambiente (passar de um modo capitalista para um modo integrado - no qual o ser humano faz parte da natureza e tem uma responsabilidade com seus recursos finitos), o que estava acontecendo era o treinamento de técnicas que visavam ensinar os alunos a como “trabalhar verde” dentro das empresas. Não havia reflexão e nem um contato mais profundo com áreas verdes e, por consequência, não ocorreram as mudanças esperadas.

É, portanto, a partir da percepção de uma sociedade que não está ainda conscientizada das consequências ambientais de suas ações, que pretendeu-se conhecer as formas de ensino ecológico que foram sendo construídas ao longo dos anos nas escolas e a perspectiva dos educadores da educação infantil I sobre o papel deles neste sentido.

2 | MÉTODO

Esta pesquisa foi feita a partir de um projeto para a matéria de Atividades Integrativas II, no segundo ano de Psicologia da Faculdade Guilherme Guimbala, como uma iniciação científica. É caracterizada como exploratória e de caráter qualitativo, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) é um método que envolve pesquisa bibliográfica, entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado. A pesquisa bibliográfica foi feita em bases de dados visando obter o maior conhecimento sobre o tema, promovendo familiaridade com trabalhos já existentes dentro do assunto. Teve como sujeitos de pesquisa quatro professores que lecionam no ensino fundamental 1, dois de uma escola pública que fica na área rural e dois de uma escola privada estabelecida no centro da cidade de Joinville (Santa Catarina). O objetivo foi entender a perspectiva dos educadores acerca do contato das crianças com a natureza, o quanto essa relação é considerada importante para a construção da consciência ecológica e de uma relação de pertença, não de poder.

Muitos teóricos que dialogam a respeito do desenvolvimento infantil fazem considerações sobre o papel das relações no processo de crescimento, optou-se, então, por utilizar a obra de Vigotsky (1991), já que ele afirma que é através dos adultos que a rodeiam que a criança internaliza os modos de vida valorizados pelo local em que habita, o que dá aos professores um lugar de bastante importância na formação dos seus alunos. Optou-se pela faixa etária de 6 a 10 anos por ser um

momento em que as crianças estão ainda em formação e vão assimilar muito mais o que estiver sendo ensinado pelo adulto.

O contato com a primeira escola foi conseguido através de um conhecido, que apresentou o projeto para a diretoria. Trata-se de uma instituição de ensino público, com bastante espaço disponível para os alunos e que está estabelecida na área rural da cidade, portanto, bastante afastada. A segunda foi conseguida por iniciativa própria das pesquisadoras. O primeiro contato foi via telefone para apresentar os objetivos do projeto e verificar se a escola aceitaria participar. A escola é particular e fica no centro da cidade. Os profissionais das duas instituições foram escolhidos pelas diretoras.

No primeiro encontro ocorreu a apresentação do projeto aos professores, separadamente, e as entrevistas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na primeira escola visitada foi necessário um segundo encontro para coletar todas as informações, na segunda bastou apenas uma tarde de entrevista.

As entrevistas foram semi-estruturadas, por ser a conciliação entre perguntas fechadas e uma direção bem definida, e a entrevista não-estruturada na qual se aborda livremente o tema proposto (Minayo et al, 1994), com a intenção de que a espontaneidade permitisse aos entrevistados conforto para compartilharem suas experiências o quanto pudessem, sem perder o foco da pesquisa. Também foi utilizado um diário de campo, que é uma forma de mantermos percepções, conhecimentos, ideias e angústias que não poderiam ser acessadas através de outras técnicas, conforme Minayo et al (1994). A partir da análise do conteúdo obtido, foi possível obter três categorias de análise: o campo, as práticas entre professores e por último o interesse das crianças através do olhar docente. Com a finalidade de manter o sigilo dos participantes, cada um foi representado por um nome de planta, as entrevistadas da escola rural foram chamadas de Margarida e Violeta e na escola central Tulipa e Hortência.

3 I ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 O campo

A Educação Ambiental deve ser ministrada de forma interdisciplinar, promovendo a percepção de que a natureza é importante em todos os campos da humanidade. Isso faz com que não seja apenas responsabilidade do professor promover o contato da criança tanto com a temática ambiental, quanto com a natureza diretamente. Líbano (2004) aponta para a dualidade do papel da escola, qual seja, reproduzir os ideais hegemônicos da sociedade através da adaptação da criança ao sistema, mas também ser espaço de produção de novas e diversas possibilidades de modos de vida.

Entretanto, o espaço escolar muitas vezes torna-se restringido apenas ao primeiro papel, se eximindo do segundo e adotando um posicionamento que barra a autonomia da criança no que diz respeito à sua capacidade de questionar. É possível encontrar afirmação semelhante em Galvão (1998) sobre a obra de Wallon, quando comenta que para este teórico só é possível uma sociedade se desenvolver a partir da educação. Então, para alcançar o objetivo de modificar o olhar humano sobre a natureza é importante entender que não cabe apenas ao professor criar métodos de ensino sobre ecologia, mas também à escola prover a garantia de condições para que os educadores criem. Pensando nisso, esta categoria apresenta os locais pesquisados, esclarecendo o local em que cada escola está situada e o quanto de espaço verde tem disponibilizado para os alunos.

A primeira instituição visitada é uma escola pública e integral que fica no campo, e por isso afastada da cidade. O espaço da instituição é bastante grande e tem um jardim na frente, algumas árvores ao redor do pátio e bastante espaço para as crianças correrem e brincarem no intervalo. Nos fundos tem uma horta e uma quadra de esportes. Os professores, que são em pequeno número, lecionam para crianças do primeiro ao quinto ano. Nos arredores do colégio também tem vastos campos verdes mantidos pela população, que é, em medida, produtora de mel.

A segunda instituição é uma escola particular que tem o espaço verde reduzido, uma das entrevistadas inclusive comenta que havia um canteirinho que teve de ser removido. As aulas são ministradas para a mesma faixa etária que a escola anterior, as entrevistadas relatam que realmente o espaço oferecido para a escola é pequeno, não tem áreas verdes, mas tem também quadra de esportes e as crianças podem brincar bastante. Também comenta-se que apesar do pouco espaço os professores ainda criam novas atividades que promovem o contato dos alunos com a natureza, fazem passeios e outros eventos que produzem sentido e interesse no tema por parte das crianças.

Na escola pública as entrevistadas deixam claro que a situação dos alunos é de vulnerabilidade, moram em vilas longe de lá e, para estar dentro da instituição, é preciso que o professor pense abertamente a educação e perceba a situação dos alunos, para que se possa ensinar de forma que eles aprendam. Na escola particular o contato com a natureza é menor, mas eles tentam proporcionar a relação da melhor maneira que podem.

É importante refletir a maneira como as instituições possibilitam essas relações, pois como pode ser visto na pesquisa de Senicianato e Cavassam (2004) o contato com a natureza na infância também faz muito bem para a saúde da criança, que vai conhecer novas texturas, cores, cheiros e brincadeiras que não serão encontrados em ambientes artificiais (entende-se artificial como produtos do ser humano). Isso favorece o desenvolvimento da criatividade infantil, da curiosidade

(pois ela pode perceber que há muita diversidade no mundo) e da consciência ambiental porque faz com que a criança se perceba pertencente à natureza. Muitas vezes esses momentos não são proporcionados pelas relações familiares, e então a escola pode se tornar a oportunidade de a criança vivenciar estas experiências.

3.2 As práticas

As duas escolas trabalham através de projetos. a escola pública possui uma horta na qual os alunos plantam, colhem e depois aprendem uma nova receita com o alimento colhido. A escola particular possuía um canteirinho que teve de ser removido, mas eles recolhem lixo pelas ruas e fazem visitação em locais como o rio no centro da cidade e o Zoobotânico. Então, cada instituição trabalha com o que   possível fazer e o que vai produzir sentido pelo olhar dos alunos, e isso é imprescindível para o aprendizado delas, conforme veremos a frente. Um objetivo importante da pesquisa foi conhecer como os professores se organizam entre si para ensinar o conteúdo, por isso criou-se esta categoria.

Todas as escolas do Brasil recebem o Plano Nacional de Educação que faz recomendações do que deve ser ensinado aos alunos, o que muda é a forma como os professores trabalham as questões. Em ambas as escolas os professores se relacionam muito bem entre si, considerando que na escola pública as entrevistadas demonstram claramente um vínculo forte e abertura para todos os profissionais: *“quanto mais profissional envolvido com essa ideia, vai ficar melhor o nosso trabalho, muito melhor”* (MARGARIDA).

Os conteúdos são trabalhados através de projetos nas duas escolas, tanto projetos seguindo o livro didático recebido do governo quanto fora dele de forma democrática, no sentido de haver abertura para a fala das crianç as, porque os professores estão sempre atentos aos interesses e curiosidades dos alunos. Sobre isso, na escola central a entrevistada conta a experiência em que as crianç as queriam salvar uma minhoca colocando-a em uma árvore, e a partir dessa curiosidade das crianç as a professora propôs a criação de um minhocário.

Na escola do campo o cuidado com a horta e a bicicleta são temas centrais. O projeto da bicicleta foi realizado de maneira interdisciplinar envolvendo a parte de ciências e geografia, ele consiste em pedalar numa bicicleta que está instalada na escola para puxar a água do poço e com ela irrigar a horta, cujas plantas só se desenvolvem se bem cuidadas. Margarida também traz outro projeto paralelo em que trabalha-se a importância da bicicleta, sua história e como ela é saudável. Este tema possui extrema relevância na instituição, porque grande parte das crianç as v o pedalando para a escola por morarem longe, então o conteúdo faz sentido para elas.

Na escola central é trabalhada a questão da produção do lixo, para que as

crianças percebam a produção de resíduos da cidade, e também proporcionam aprendizados sobre os animais. Nas duas instituições aparecem projetos de reciclagem e na escola central eles tem um aluno escolhido para ajudar as crianças a jogarem os resíduos no lugar certo, o que é chamado por eles de “fiscal do lixo”.

Tanto na escola pública quanto na privada os professores contam com autonomia para trabalhar a questão da natureza e o fazem de forma integrada com outras disciplinas: “*nós já tivemos um projeto esse ano que, no ano passado, que foi feito com a professora de artes [...] um projeto de artes que englobou professores de história e geografia, artes, e o quarto ano do ensino fundamental*” (MARGARIDA), “*esse ano também nós fizemos uma campanha, com todas as turmas, aí todos se envolveram, que a gente saiu no dia do meio ambiente né, acho que é dia 5 de julho né, a gente saiu pelo centro da cidade [...] juntando lixo do chão.*” (HORTÊNCIA). Sobre a questão do lixo, Currie (1998) traz a atividade “O lixo da minha família” como exemplo do quanto é relevante compreender para onde vão os resíduos que produzimos.

Para que um conteúdo seja compreendido pelas crianças de forma a fazer parte da sua constituição ele precisa fazer sentido para elas. Wallon, segundo Galvão (1998), postula sobre a importância do aspecto afetivo no desenvolvimento da cognição e da motricidade, é necessário que haja paixão (entendida como motivação) para que ocorra interesse no assunto ensinado e sua efetivação na constituição da criança. As duas escolas trabalham com a história local e com o próprio cotidiano das crianças para despertar o interesse delas. Na área rural os professores têm projetos para conhecer um moinho que fica perto da escola, já na escola central eles estudam a importância do rio Cachoeira: “*ir até o rio Cachoeira e entender né que a gente gostaria de ter um rio limpo, e que nós temos aqui no centro da cidade um rio, onde as pessoas tomavam banho, onde as pessoas, antigamente os... muitos pais, muitos avós tem muitas histórias pra contar a respeito desse rio*” (HORTÊNCIA). Currie (1998) traz a importância de entender a escola como um berço para trabalhos comunitários, em prol das pessoas e das memórias do próprio local, como nestes casos.

Grande parte dos projetos realizados por ambas as escolas, tem como objetivo levar os alunos para fora da sala de aula. Segundo Vigotsky (1991) um bom aprendizado ocorre quando o professor leva em conta o que a criança já sabe e o que ela tem a aprender, isso faz com que a criança sempre esteja assimilando novas informações e ao mesmo tempo produzindo novas coisas a serem aprendidas com a ajuda do adulto. Levar a criança para fora da sala de aula proporciona sempre novas experiências e sentidos sobre coisas que ela está habituada, um conhecimento mais próximo da natureza que pode fazer com que ela se aproprie melhor do ambiente

em que ela reside. Este processo é muito complexo, por isso a máxima importância da orientação do adulto nesse momento da vida das crianças, para despertar o interesse dos alunos nos mais variados temas.

A experiência prática promove lembranças significativas posteriormente, além de ser o concreto, o visível, o que a criança consegue assimilar mais facilmente, até porque falar sobre algo é diferente de mostrá-lo. E são estas lembranças e informações que vão permitir à criança ir além de prática e construir a consciência ecológica, que isso se torne parte da constituição dela.

Karen Currie (1998), traz a experiência para além das paredes da sala e muros da escola, como possibilidade de trabalhar diversos temas ou disciplinas em diversas áreas da vida da criança. A obra funciona como um guia ou livro de sugestões para o professor, com eixos diferentes porém com temas voltados ao meio ambiente, à natureza, e também ao ambiente e todos os elementos que cercam e permeiam a vida dos alunos. A autora traz oito maiores divisões, porém trabalharemos com quatro delas: eu + o meio ambiente, minha família + o meio ambiente, minha escola + o meio ambiente, e por fim, minha comunidade + o meio ambiente. As demais divisões diziam respeito à cidade, estado, país e ao planeta Terra como um todo. Todos estes eixos apresentados pela autora são de uma maneira ou outra, implementados, porém muitas vezes não como projetos longos, durando bimestres, mas como tarefas que podem vir a se tornar projetos.

3.3 O interesse das crianças através do olhar docente

De acordo com todas as professoras entrevistadas as crianças se interessam pela natureza, ficam muito animadas com a horta, com os passeios e as novas ideias e tarefas trazidas pelos professores. Isso foi confirmado tanto em uma escola quanto em outra, mostrando que isso pode ir além de diferenças sociais: “a gente percebe bastante o interesse, o desenvolvimento, a preocupação em.. essa questão de, de refletir em casa as mudanças” (HORTÊNCIA). Ou ainda, “O segundo ano é uma turma que tudo que tu traz pra eles é novidade, tudo que tu pede pra eles escreverem é estímulo” (VIOLETA).

Além dessas afirmações, durante as entrevistas também foi falado que os alunos aprendem ações ecologicamente corretas e passam a corrigir a família em casa, demonstrando que se queremos mudar a base ideológica da nossa sociedade é pela infância que começamos, porque o contrário também é verdadeiro: os participantes se queixaram do fato de que nem sempre os pais aderem aos ensinamentos dos filhos e estes passam a não se apropriar tanto assim das novas práticas.

Nas duas escolas há pais que trabalham com reciclagem, na escola privada os pais da criança ficaram muito felizes em ver o aprendizado dos novos hábitos,

porque só com a participação deles a criança não aprendia. Sobre essa reflexão é importante retomar o conceito da Psicologia Ambiental, segundo o qual deve-se estudar “a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações - e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social” (MOSER, 1998, p.121), pois o contexto em que se encontra o sujeito tem grande importância para a construção dos ideais de vida. Como mencionado anteriormente em Medeiros et al (2011), ensinar o conteúdo da Educação Ambiental faz com que a criança leve para sua casa e para seus vizinhos também o conteúdo, mas é necessário que o ambiente familiar não desmotive o aprendizado e se interesse também.

Foi possível constatar que os professores em ambas as escolas tem participação ativa no papel de mediadores da relação infância-natureza, desde os professores das classes de seis anos até os quintos anos. As atividades são construídas, na medida do possível, dentro do que se pede nos Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais (1998), que seria a necessidade dessa área do conhecimento ser ensinada em todas as disciplinas de forma integrada.

Pode-se concluir que o enfoque está sendo, pelo menos nessas duas escolas, na construção da consciência ecológica como uma maneira de valorizar a vida. Até porque na escola central eles possuem uma ideologia própria em que toda a vida deve ser valorizada: *“a gente procura reportar a criança pra isso de que ela tem que ter um respeito por essa natureza, tem que ter respeito e cuidado com aquilo que a gente recebeu como presente”* (HORTÊNCIA). Acerca do desenvolvimento dos alunos, eles tem a dizer que *“é um trabalho de formiguinha, a gente não percebe o resultado ali na hora, percebe depois de algum tempo. Eu to trabalhando com o segundo ano tal assunto. Eu não vou perceber que eles mudaram o hábito agora. Talvez eu perceba ano que vem”* (VIOLETA), e também houve alguns momentos compartilhados pela entrevistada Hortência: *“depois que ela [a criança] fez as experiências, depois que ela viu o prejuízo do lixo que não se decompunha, ela foi lá no aterro sanitário e viu tudo que ela viu lá, então ela limpa, nem o rolinho de papel higiênico ela quer jogar, ela quer reciclar tudo.”* (HORTÊNCIA). Esses relatos comprovam que a relação direta com o meio ambiente faz toda a diferença para que a criança consiga entender, ao menos em parte, a amplitude de suas ações.

Senicianato e Cavassam (2004) trazem que algumas crianças não se sentiam confortáveis quando estavam em um ambiente natural, sentiam medo, não gostaram da experiência. Isso confirma a importância da mediação das famílias e dos professores na relação natureza-infância, pois se não houver essa experiência pode ser aberta a possibilidade de a criança não encontrar sentido na preservação ambiental e isso minaria o processo de conscientização. A tecnologia também comparece nesta relação. Violeta, da escola pública, comentou que os alunos do

quinto ano são mais “tecnológicos”, mais teóricos e querem pesquisar em plataformas na internet. Retrata que a turma está *“não menos interessada no assunto, menos interessada na prática, eles são mais teóricos eu tenho a impressão, porque eles se interessam por isso aqui, eles se interessam por pesquisar”*.

A professora Tulipa, da área central, diz que apesar de os alunos terem muito acesso à tecnologia, eles ficam muito empolgados quando podem estar ao ar livre: *“embora hoje as crianças estejam muito ligadas no celular.. é a geração... mas o correr, brincar e ter espaço, elas gostam muito”*. Na perspectiva deste trabalho, é imprescindível a estimulação contínua do “curiosar” da infância antes que ele seja perdido para a tecnologia. Isso porque mesmo que haja interesse “na teoria” dos livros, segundo Wallon (em Galvão, 2004) a experiência prática vai influir muito no desenvolvimento infantil, porque é a partir dela que as crianças se apropriam do mundo, então é dessa forma que o ensino ocorre efetivamente. Se nos for permitido pensar à frente, até mesmo adultos precisam de algo mais prático para entender conteúdos que não são cotidianos, portanto é preciso estimular experiências para além das teorias.

Constata-se a relação dialética entre infância e natureza: as crianças aprendem práticas ecológicas por um planeta habitável, vivenciando experiências que não conseguiriam em outros lugares por causa dos cheiros, cores e outros elementos que os ambientes verdes proporcionam, desenvolvendo também consciência ecológica. Apesar do pouco avanço da problemática ambiental envolvendo leis disfuncionais e indústrias poluentes, a área da educação procura viabilizar o ensino das crianças desde a classe de seis anos para que elas consigam levar para a vida delas, e também para a vida dos vizinhos, um cotidiano ecológico.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se trata da temática da sustentabilidade e educação ambiental, pensa-se no que diz respeito às relações que são estabelecidas entre as pessoas e entre o ambiente em que vivem. A Psicologia Ambiental aponta para a importância de considerar as inter-relações presentes entre o ser humano e seu contexto (MOSER, 1998, p.121). Considerando então que a educação ambiental, desde 1988 com a Constituição “Verde”, é parte integrante do currículo escolar, decidiu-se pesquisar a questão em escolas de ensino fundamental I. A relação infância natureza se mostra vinculada a necessidade de atividades práticas para que o aprendizado seja internalizado, uma vez que a criança está conhecendo o mundo.

As duas escolas pesquisadas, a do campo e a da cidade, apresentam potencialidades e fragilidades, assim como modos diferentes de trabalhos e realidades diferentes. Quando há espaço reduzido, a escola faz atividades como

pequenas excursões e ações no território da escola. Quando há grande contato com os diferentes ecossistemas, fazem pesquisas teóricas para maior aprendizado.

Nota-se que, em ambas as instituições, a maneira de se trabalhar com a temática é interdisciplinar, com trabalhos teóricos e práticos em sua maioria, associando diversos assuntos e conteúdos, abrindo assim as possibilidades de aprendizado. Segundo Vygotsky, com a orientação do adulto, ou seja, o mediador, e neste caso o professor, “as crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades” (VYGOTSKI, 1991, p. 59), elaborando os novos conteúdos e colocando em prática. Dessa maneira, o discurso dos professores entrevistados foi bastante marcado pelo questão do incentivo dos pais, que também medeiam o processo de aprendizagem. Com o trabalho conjunto, a criança torna-se mediadora, tanto com os colegas de sala quanto em sua própria casa, quando os novos hábitos e conhecimentos desenvolvidos se cristalizam.

Foi possível constatar que as crianças aprendem não só o conteúdo durante as aulas, mas compreendem a sua real importância para a natureza também. Apesar de toda a tecnologia, nada substitui o contato da criança com a natureza, motivando ainda mais os professores a trabalharem este tema de forma interdisciplinar. Conclui-se que apesar de existirem muito problemas, inclusive sociais, o corpo docente entende que manter viva esta relação desenvolve a consciência ecológica da criança e contribui para a construção um mundo mais verde, mesmo que a passos lentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Programa Nacional de Educação Ambiental** - proNEA: documento básico. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental, Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. 3^º ed. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>> Acesso em: 27 set. 2017

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : Ciências Naturais**. Brasília: MEC / SEF, 1998. 138. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>>

BRÜGGER, Paula. **Educação ou Adestramento ambiental?** 2 ed. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1999.

COSTA, Filipe Corrêa da. **A evolução do movimento ambientalista brasileiro**. Disponível em: <http://www.casadei.adv.br/Anhanguera_CASADEI_aula01_TextosComplementares_Movimento%20Ambientalista.pdf> Acesso em: 27 set. 2017

CURRIE, Karen, et al. **Meio Ambiente - Interdisciplinaridade na Prática**. 6a ed. Campinas: Papirus. 1998.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**. 4 ed. Petrópolis: 1998.

LÍBANO, José Carlos. Psicologia Educacional: Uma Avaliação Crítica. In: Lane, Sílvia; CODO, Wanderley (org). **Psicologia Social: O Homem em Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 154-180.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa de et al. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 1, set. 2011

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**. 1998, n. 3, v. 1, p.121 - 130.

SENICIANATO, Tatiana; CAVASSAM, Osmar. Aulas de Campo em Ambientes Naturais e Aprendizagem em Ciências - Um Estudo com Alunos do Ensino Fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 22, 47, 89, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 145, 146, 147, 258, 284, 293, 296

Agricultura convencional 149, 152

Agricultura natural 239, 242, 243, 248, 250

Agroecologia 149, 150, 152, 154, 156, 250, 283

Aprendizagem significativa 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 228, 296

Assentamento 149, 150, 153, 154, 155, 156

C

Chikungunya 179, 180, 182

Conscientização ambiental 239

Coronavírus 195, 196, 197, 204, 205, 210

Cotas 251, 254, 257

Covid-19 195, 196, 204, 205, 209

Crianças 22, 25, 26, 35, 36, 41, 45, 47, 89, 92, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 123, 181, 184, 186, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 236, 247, 248, 293, 296

Cuidado de si 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178

Cultura 2, 3, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 20, 24, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 48, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 70, 81, 104, 129, 134, 135, 147, 191, 199, 200, 201, 202, 204, 207, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 236, 250, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 288, 298

Currículo 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 51, 63, 64, 69, 87, 91, 92, 98, 117, 203, 204, 205, 207, 210, 212, 218, 219, 220, 224, 225, 265

D

Dengue 179, 180, 181, 182

Desempenho em matemática 88, 96, 97

Direitos humanos 10, 11, 12, 13, 15, 19, 20, 25, 48, 83, 262

Diversidade 4, 10, 15, 16, 18, 33, 34, 35, 38, 40, 42, 44, 53, 54, 57, 59, 63, 64, 69, 102, 113, 202, 222, 257, 271, 281

Dualismo escolar 120, 133

E

Educação 2, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 152, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 193, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 265, 266, 267, 284, 285, 286, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298

Educação ambiental 117, 119, 238, 239, 240, 241, 247, 248, 249, 250

Educação básica 32, 71, 75, 89, 90, 100, 157, 158, 159, 160, 165, 167, 168, 183, 203, 212, 255, 256, 261, 266, 298

Educação de jovens e adultos 132, 259, 260, 261, 266, 267, 284, 285, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297

Educação em direitos humanos 10

Educação em saúde 179, 182

Educação infantil 31, 66, 72, 110, 181, 203, 204, 207, 209, 226, 227, 228, 235, 237, 246, 247, 293

Educação política 1, 6, 7, 8, 9

Educação profissional 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 251, 254, 255, 257, 258, 261, 266

Ensino médio integrado 126, 251, 253, 257

Ensino profissionalizante 78, 82, 123, 126, 254

Escola 2, 5, 6, 7, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 101, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 124, 125, 129, 130, 150, 154, 158, 160, 163, 168, 172, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 199, 202, 203, 204, 205, 207, 210, 211, 213, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 251, 252, 254, 255, 256, 260, 262, 266, 284, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297

Escola pública 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 61, 110, 112, 113, 114, 116, 125, 130, 158, 163, 168, 181, 193, 223, 296

Escolarização 25, 33, 34, 37, 91, 92, 195, 196, 197, 204, 205, 207, 208, 209, 220,

251, 256, 259, 262, 263, 288, 289

Escolas técnicas 78, 124, 125, 126

Evasão escolar 73, 78, 79, 83, 84, 85, 86, 183, 184, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 218, 221, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258

F

Formação 2, 3, 4, 5, 6, 13, 19, 22, 24, 25, 27, 31, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 81, 86, 92, 102, 103, 105, 110, 111, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 138, 143, 144, 145, 147, 149, 153, 155, 159, 166, 172, 181, 189, 190, 191, 211, 212, 213, 216, 218, 219, 221, 223, 230, 240, 249, 255, 256, 259, 260, 261, 266, 267, 273, 279, 284, 285, 286, 287, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 298

Formação escolar 284, 285, 286, 289, 291, 292, 293, 294, 296

Formação humana 5, 22, 46, 52, 120, 121, 127, 133

Formação humanística 39

Formação profissional 42, 47, 120, 124, 255, 259, 266, 287

G

Gestão democrática 66, 67, 75, 296

Gíria 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

H

Histórias de vida 285, 286, 287, 288, 292, 294, 296

I

Identidade 14, 34, 52, 63, 67, 70, 84, 134, 135, 139, 144, 145, 146, 147, 201, 214, 218, 268, 269, 270, 273, 274, 275, 276, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 286, 287, 288, 290, 292

Inclusão social 39, 42, 43, 48

Infância 22, 47, 107, 109, 112, 115, 116, 117, 136, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 209, 210, 285, 289, 295

J

Juventude 267, 268, 280, 281, 290, 292, 296

L

Linguagem 7, 13, 16, 29, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 223, 224, 230, 270, 272, 273

Literatura 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 29, 78, 219, 251, 253, 254, 255, 269,

276

M

Mundo do trabalho 23, 24, 26, 54, 259, 260, 262

N

Natureza 8, 13, 54, 62, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 126, 129, 149, 150, 152, 176, 238, 239, 240, 241, 242, 249, 256, 259, 279, 280, 287

Nível de proficiência 88, 90

Novo campo escolar 195, 196, 197, 203, 205, 207, 208

P

Parrhesía 170, 171, 176, 177, 178

Participação coletiva 66

Pedagogia de projetos 226

Políticas educacionais 1, 2, 23, 27, 29, 30, 70, 89, 92, 159, 166, 211, 213, 214, 215, 220, 222, 223

Políticas públicas 7, 26, 27, 56, 59, 78, 88, 89, 90, 99, 100, 109, 131, 186, 209, 211, 257, 259, 261

Prática pedagógica 32, 44, 69, 75, 89, 92, 177, 226

Preservação ambiental 116, 239

Privados de liberdade 134, 136, 138, 140, 142, 145, 147

PROEB 88, 89, 90, 91, 93, 98, 99, 100

Professor 14, 15, 19, 25, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 64, 67, 73, 76, 77, 78, 83, 85, 86, 90, 93, 98, 111, 112, 114, 115, 118, 137, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 170, 177, 178, 183, 189, 194, 206, 211, 213, 216, 218, 219, 222, 223, 224, 228, 229, 265, 266, 272, 294, 295, 298

Projeto político pedagógico 66, 67, 68, 69, 70, 72, 75, 76, 189, 190, 228, 295

Projeto recepção cidadã 102, 105

Q

Qualificação 41, 48, 79, 81, 82, 83, 86, 159, 160, 211, 212, 213, 223, 260, 266

R

Recurso linguístico 134, 139

S

Salário 82, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168

Saúde na escola 179, 180, 181, 182

SIMAVE 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100

Sócrates 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178

T

Teoria crítica 1, 3

Trabalho 3, 8, 10, 12, 23, 24, 26, 28, 30, 40, 41, 43, 44, 45, 54, 58, 64, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 90, 92, 93, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 113, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 171, 207, 211, 213, 214, 221, 223, 226, 227, 228, 229, 234, 235, 236, 240, 241, 247, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 267, 284, 287, 288, 289, 290, 291, 294, 295, 296

Z

Zika 179, 180

A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A Educação enquanto Fenômeno Social: Política, Economia, Ciência e Cultura

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 